



INTERVENÇÃO URBANA NA SEMANA DE CONSCIENTIZAÇÃO: IMPACTO E REFLEXÕES NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

URBAN INTERVENTION IN AWARENESS WEEK: IMPACT AND REFLECTIONS IN THE UNIVERSITY ENVIRONMENT

Ana Caroline Cardoso e Silvaⁱ
UNESP

Priscila Leonel de Medeiros Pereiraⁱⁱ
UNESP

RESUMO

Esse artigo tem a intenção de falar sobre a produção, confecção e instalação da intervenção artística enquanto abordar a importância das ações afirmativas e políticas de ingresso e permanência estudantil, com o objetivo de discutir como isso afeta a diversidade e a inclusão de pessoas negras no ensino superior e na sociedade. Então, a partir de uma intervenção urbana que traz a proposta de produzir uma representação visual da música “A carne”, 2002, da icônica cantora Elza Soares, intervenção essa que ficou em exposição no mês de da Conscientização Negra em 2023 no campus da UNESP de Bauru.

PALAVRAS-CHAVE

Intervenção Urbana. Letramento racial. Cerâmica. Representação artístico-visual. Elza Soares.

ABSTRACT

This article intends to talk about the production, creation and installation of artistic intervention while addressing the importance of affirmative actions and student entry and retention policies, with the aim of discussing how this affects diversity and inclusion of black people in education. higher education and in society. So, based on an urban intervention that proposes producing a visual representation of the song “A carne”, 2002, by the iconic singer Elza Soares, an intervention that was on display during Black Awareness Month in 2023 on the UNESP campus from Bauru.

KEYWORDS

Urban Intervention. Racial Literacy. Ceramic. Visual Artistic Representation. Elza Soares.

INTRODUÇÃO

Em novembro de 2023, no campus da UNESP de Bauru, uma intervenção artística foi instalada para marcar o mês da Conscientização Negra. Tal intervenção, inspirada na poderosa música “A Carne” de Elza Soares, busca não apenas ser uma



homenagem à icônica cantora, mas também um potente meio de reflexão sobre a diversidade e inclusão racial no ambiente acadêmico e na sociedade brasileira. A música de Soares, conhecida por sua crítica incisiva às desigualdades raciais e sociais, serve como uma lente através da qual a instalação artística explora a relevância e o impacto das políticas de ações afirmativas e de permanência estudantil.

A produção, confecção e instalação dessa obra não apenas dialoga com o ambiente urbano e educacional, mas também incita discussões fundamentais sobre como as instituições de ensino superior podem e devem refletir e responder à diversidade étnico-racial de sua comunidade estudantil. Este artigo tem como objetivo detalhar o processo criativo por trás da intervenção, explorando como a arte pode ser utilizada como um instrumento de crítica social e um catalisador para mudanças institucionais.

A escolha deste tema e desta forma de expressão artística evidencia uma interseção crucial entre arte, educação e políticas sociais, refletindo uma tendência contemporânea de engajamento político e social por meio da arte pública. A análise proposta busca, portanto, contribuir para o entendimento de como as expressões artísticas podem influenciar e ser influenciadas pelo contexto social e político, especialmente em um país marcado por profundas disparidades raciais como o Brasil.

DESENVOLVIMENTO

No ano em que o dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, foi oficialmente reconhecido como feriado nacional, levantou-se em mim uma reflexão sobre o significado dessa data. Segundo Oliveira Silveira em sua obra 'Vinte de Novembro: História e conteúdo' (2003, p. 23), "A evocação do dia Vinte de Novembro como data negra foi lançada nacionalmente em 1971 pelo Grupo Palmares, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul". A razão da escolha do 20 de novembro seria por causa da data de morte de Zumbi dos Palmares, último líder do maior quilombo do período colonial, o Quilombo dos Palmares.



Antigamente, em 13 de maio, comemorava-se o Dia da Abolição da Escravatura, marcado pela assinatura da Lei Áurea, oficialmente Lei n.º 3.353, pela Princesa Isabel. No entanto, como ressalta a renomada escritora Lélia Gonzalez (1982, p. 31, Apud SILVEIRA, 2003, p. 23): "E é no início dos anos setenta que vamos ter (...) o alerta geral do Grupo Palmares, do Rio Grande do Sul, para o deslocamento das comemorações do treze de maio para o vinte de novembro". E com as palavras de Oliveira Silveira para reforçar o motivo da mudança.

"O treze não satisfazia, não havia por que comemorá-lo. A abolição só havia abolido no papel; a lei não determinara medidas concretas, práticas, palpáveis em favor do negro. E sem o treze era preciso buscar outras datas, era preciso retomar a história do Brasil." (SILVEIRA, 2003, p. 24).

Com o passar do tempo, o 20 de novembro ficou conhecido em todo o território nacional e isso fez com que ocorressem muitas manifestações e, com as palavras de Gonzalez, o 20 de novembro transformou-se num ato político de afirmação da história do povo negro. E como falar do negro sem falar da sua presença, ou sua falta, na história, sociedade e também nas universidades. Para compreender melhor essa questão, é necessário questionar onde está presente a representação negra no nosso cotidiano, quantos atores negres estão presentes em novelas, filmes e programas televisivos e quantos desses personagens nos filmes ou novelas são empregados ou serviçais; isso pode até ser a realidade da maioria das pessoas negras nesse país, Gonzalez e Hasenbalg nos contam em seu livro Lugar de Negro.

"Outro grande escoadouro de mão-de-obra barata foi a prestação de serviço. Também ali encontramos o trabalhador negro fortemente representado, sobretudo em atividades menos qualificadas tais como limpeza urbana, serviços domésticos, correios, segurança, transportes urbanos etc." (GONZALEZ, HASENBALG, 1982, p. 14)

O complicado é quando tentam retratar o indivíduo negro como "o cara mau", a mulher barraqueira e escandalosa, o bandido, o vilão; ou quando ocorre o embranquecimento do personagem. Oliva discute sobre isso em Desafrikanizar o Egito, embranquecer Cleópatra: silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais escolares de História no PNLD 2018, onde "Grande parte das leituras elaboradas sobre o antigo Egito foi fissurada por disputas narrativas e, principalmente, pela negação da africanidade dessa civilização, marcadamente a partir do século XVIII" (OLIVA, 2017, p. 27).



Em seu livro 'Negritude: Usos e Sentidos', o antropólogo Kabengele Munanga explica como esse fenômeno:

“Pode-se-ia dizer que a colônia, como sociedade global dicotômica, vive permanentemente uma situação de violência, porque as duas sociedades que a constituem só dependem da relação de força dominante/domado. Insistimos que, além da força como meio para manter esse violento equilíbrio, recorreu-se oportunamente aos estereótipos e preconceitos através de uma produção discursiva.” (MUNANGA, 1986, p.12).

Tal tipo de comportamento está tão enraizado e normalizado na sociedade que muitas vezes, a primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria (GONZALEZ, 1987, p. 225). Munanga também relata a origem das criaturas mitológicas da Grécia Antiga, conforme documentado pelo historiador grego Heródoto em suas viagens à Líbia e seus retornos à Grécia para compartilhar suas observações nas praças públicas, incluindo suas impressões sobre o continente africano. Como destacado pelo antropólogo, as primeiras descrições das populações negras eram frequentemente comparadas a animais selvagens.

“A expansão da Europa ocidental começa praticamente no século XV, que é o século das grandes descobertas. [...] Aliás, as primeiras notícias sobre as populações negras vêm do grande historiador grego Heródoto. [...] Todas as descrições da época mostravam os habitantes do interior do continente africano parecidos com animais selvagens. Essa visão retornou na Idade Média e no Renascimento, reatualizando sempre os mesmos mitos que faziam da África negra um mundo habitado por monstros, seres semi-homens, semi-animais.” (MUNANGA, 1986, p. 13-14).

As notícias desumanizantes sobre a África negra, deixaram um legado duradouro de preconceito racial, ainda presente na sociedade atual, essas descrições desumanizantes retratavam os habitantes africanos como seres selvagens e monstruosos. Tais representações serviram para justificar a exploração e a colonização, deixando um legado de preconceito racial ainda presente na sociedade atual.

Uma obra contemporânea que contempla, discute e representa a injustiça que o povo negro passa atualmente na sociedade brasileira e que serviu como referência para esse projeto desde o início foi a música “A Carne” da íconica e renomada artista, ativista, cantora, compositora, mulher e negra, Elza Soares. Com sua voz potente e suas letras carregadas de significado, a cantora convida os ouvintes a



refletirem sobre as questões raciais e sociais que permeiam a realidade brasileira. "A Carne" confronta diretamente o racismo estrutural e as desigualdades profundamente enraizadas na sociedade, destacando a urgência de justiça e igualdade para todos. Sua influência e impacto inspiraram este projeto a abordar questões semelhantes, buscando promover conscientização e mudança através da expressão artística e do ativismo social. Abaixo, compartilho a letra completa desta obra-prima:

A carne mais barata do mercado é a carne negra

(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)

(Né, mano? Vixe!)

(Se liga aí!)

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

(Só serve o não preto)

Que vai de graça pro presídio

E para debaixo do plástico

Que vai de graça pro subemprego

E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra (diz aí!)

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história

Segurando esse país no braço, mermão

O cabra aqui não se sente revoltado

Porque o revólver já está engatilhado

E o vingador é lento

Mas muito bem intencionado

E esse país vai deixando todo mundo preto

E o cabelo esticado

Mas, mesmo assim

Ainda guardo o direito de algum antepassado da cor

Brigar sutilmente por respeito

Brigar bravamente por respeito



*Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar
(Se liga aí!)*

*A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Na cara dura, só serve o não preto)
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Na cara dura, só serve o não preto)
A carne mais barata do mercado é a carne negra*

(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)

*Negra
Negra
Carne negra (pode acreditar)
A carne negra*

Analisando música, o refrão que diz “A carne mais barata do mercado é a carne negra” fazendo referencia a escravidão e ao resultado de dinâmicas históricas de discriminação, segregação e desigualdade social. No Brasil, essa exploração deixou um legado profundo de desigualdade racial, com consequências que ainda reverberam na estrutura socioeconômica do país.

“Outro grande escoadouro de mão-de-obra barata foi a prestação de serviço. Também ali encontramos o trabalhador negro fortemente representado, sobretudo em atividades menos qualificadas tais como limpeza urbana, serviços domésticos, correios, segurança, transportes urbanos etc.”
(GONZALEZ, HASENBALG, 1982, p. 14)

Geralmente esses trabalhos são menos valorizados e remunerados na sociedade, muitas vezes relegados às populações marginalizadas. A prestação de serviços é uma área onde a falta de regulamentação e fiscalização pode levar a condições precárias de trabalho, baixos salários e falta de benefícios. Isso cria um ciclo de pobreza e exclusão, onde os trabalhadores negros são desproporcionalmente afetados. Além disso, a representação significativa desses nos setores exemplificados, reflete não apenas a falta de oportunidades econômicas mais igualitárias, mas também padrões persistentes no mercado de trabalho com discriminação, preconceito racial e sexismo onde, a mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler



jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados (GONZALEZ, 1987, p. 226). Mesmo quando os trabalhadores negros têm qualificações semelhantes aos seus colegas brancos, eles muitas vezes enfrentam obstáculos adicionais para acessar empregos de melhor remuneração e status. Há muitos trechos na música para serem analisados, como:

*Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
Que vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos*

Esse trecho ressalta uma realidade sombria e profundamente injusta: a presença policial em comunidades negras muitas vezes não é para proteger, mas sim para reprimir e intimidar. Isso reflete a maneira como a aplicação da lei pode ser usada como uma ferramenta de controle social e opressão racial.

“(...) se tem a presença policial (...) não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende que o outro lugar natural do negro sejam as prisões e os hospícios.” (GONZALEZ, HASENBALG, 1982, p. 15-16).

A referência às prisões e hospícios como “o outro lugar natural do negro” é especialmente perturbadora, pois sugere que a criminalização e a institucionalização são formas sistemáticas de controle social enfrentadas pela população negra. Isso destaca como as políticas criminais e de saúde mental podem ser utilizadas para manter o controle sobre as comunidades marginalizadas, em vez de abordar as causas subjacentes dos problemas sociais.

Já o lugar natural do negro é (...), evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço.” (GONZALEZ, HASENBALG, 1982, p. 15).

Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar

Essas linhas captam poderosamente a luta, onde “Brigar sutilmente por respeito” reflete uma forma de resistência mais silenciosa e estratégica, onde os indivíduos enfrentam o preconceito e a discriminação de maneira delicada, resistência passiva, educação, e conscientização, trabalhando para mudar mentalidades e



comportamentos de forma gradual e sutil. Por outro lado, "Brigar bravamente por respeito", destaca uma abordagem mais direta e enérgica, podendo incluir manifestações, protestos, ativismo político e outras formas de resistência ativa. E em "Brigar por justiça e por respeito" encapsula a essência dessa luta, destacando que não se trata apenas de buscar reconhecimento pessoal, mas também de defender os direitos humanos fundamentais. As condições de existência material dessa população negra remetem a condicionamentos psicológicos que devem ser atacados e desmascarados. (GONZALEZ, HASENBALG, 1982, p. 15)

Partindo da frase recorrente na música, "A carne mais barata do mercado é a carne negra", desenvolvi uma intervenção conceitual, imaginando-a como uma oferta de mercado ou açougue. Para a produção desta "carne", optei por modelar em argila fenótipos do corpo negro, frequentemente estereotipados e considerados exóticos, como boca carnuda, nariz redondo e orelhas grandes.

Utilizando argila, uma matéria orgânica composta principalmente de argilominerais e matéria orgânica, iniciei o processo de modelagem. A argila é um material heterogêneo, cujas características variam de acordo com a formação geológica e a localização da extração (MUZZILO, 2014, p. 15).. Escolhi esse material não apenas por sua maleabilidade e facilidade de modelagem, mas também por sua capacidade de capturar detalhes e texturas de forma precisa.

Após a modelagem, as peças foram deixadas para secar completamente. Esse período de secagem é essencial para garantir que a argila perca sua umidade e se torne mais resistente. Em seguida, as peças foram levadas ao forno, onde foram submetidas a temperaturas de cozedura que variam entre 900 e os 1100°C. (FRICKE, 1977, p. 16). Durante o processo de queima, a argila passa por uma transformação física e química, tornando-se cerâmica. A alta temperatura do forno faz com que os minerais na argila se fundem, criando uma estrutura sólida e durável. Esse processo de transformação é crucial para garantir a integridade e a estabilidade das peças, preparando-as para serem apresentadas como produtos acabados.

Para a embalagem da intervenção, solicitei a assistência do técnico dos ateliês da Unesp de Bauru, Adriano Antonio de Andrade, para cortar pedaços de MDF, com o maquinário disponível nos ateliês para nosso uso. Como o isopor é frequentemente



utilizado como material de embalagem para produtos alimentícios, incluindo carnes, devido à sua leveza, baixo custo e capacidade de isolamento térmico. Essa decisão também permitiu focar mais recursos e esforços na modelagem das peças de argila e na expressão conceitual da intervenção, sem comprometer a qualidade ou a integridade do projeto como um todo. Após o corte dos pedaços de MDF nas dimensões desejadas, procedi à pintura das peças com tinta e acabamento.

Como a proposta da evidenciar que “A mercado é a carne um poster como se uma promoção de A precificação é bem como a embalagem em da duração da adicionam camadas significado à obra. convidam os refletirem não apenas



intervenção era carne mais barata do negra”, confeccionei fosse realmente de algum supermercado. apenas simbólica, referência ao peso da relação à estimativa escravidão no Brasil, adicionais de Esses elementos espectadores a sobre o passado

Imagem 1. Cartaz da intervenção, A Carne, 2023. Digital, 21cm X 14.8 cm.

histórico do país, suas ramificações e na sociedade inclusão de enquanto durarem adicionada com a toque irônico e intervenção, crítica à ideia de raciais são limitadas em sua



mas também sobre impactos presentes contemporânea. A "Promoção válida os estoques" foi intenção de um provocativo à sugerindo uma que as questões temporárias ou importância.

Imagem 2. Cartaz da intervenção colado em poste no campus, 2023. Foto:



Destacando a urgência de enfrentar e resolver as injustiças raciais, enquanto também reconhece a limitação de recursos ou oportunidades para a promoção de mudanças significativas. Os cartazes de divulgação foram espalhados pelo campus, aos arredores da área onde foi instalada a intervenção, com a ajuda de algumas amigas.

À VENDA NA GELADEIRA DAS 50'S

Imagem 1. Adesivo. Digital, 10cm X 1.6cm.



Com a intenção de tornar a embalagem mais realista o possível e também trazendo autenticidade ao projeto, foram produzidas etiquetas adesivas com o nome da música como se fosse a marca do produto, seu ano de lançamento, o nome da cantora, também tomei a liberdade de utilizar o símbolo de resistência negra mostrando que a intervenção faz parte de um movimento ativista e militante negro, além de fazer uma medalha com os dizeres “A + vendida do BRASIL”, fazendo uma crítica social e convidando os espectadores a refletir sobre o significado da palavra “vendida” e a considerarem as complexidades das relações entre raça, poder e representação na indústria musical e na sociedade como um todo.

Imagem 2. Adesivos para a bandeja de carne, 2023. Digital, 4cm X 4cm.



Aos adesivos, também adicionei *easter eggs*, como uma forma criativa e perspicaz de camadas adicionais de significado e profundidade. Esses detalhes nem tão ocultos e simbólicos estão presentes na data de fabricação que seria a aproximação da data que historiadores acham que começou o tráfico negreiro no Brasil, serve como um lembrete impactante das origens sombrias e violentas da escravidão africana no país; a data de validade correspondente à assinatura da Lei Áurea pela

Princesa Isabel, momento-chave na que a escravidão foi ao mesmo tempo, questões sobre a legislação e as desigualdade racial promulgação; e o contam a Nº 3.353, DE 13 DE Declara extinta a Brasil. Tais detalhes enriquecem a significado da



destaca um história brasileira em oficialmente abolida, também levanta eficácia real dessa persistências da após sua código de barras numeração da LEI MAIO DE 1888: escravidão no não apenas estética e o intervenção, mas

também convidam os espectadores a explorarem e a refletirem sobre os temas históricos e contemporâneos abordados na obra, transformando a embalagem em uma experiência visual e conceitualmente rica e, proporcionando múltiplas camadas de interpretação e engajamento.

Imagem 3. Foto da intervenção antes de ir para a geladeira, 2023.

Embora eu tenha incluído o QR Code e o Pix no cartaz, minha intenção com essa intervenção não foi realmente vender as peças. Eu adicionei o QR Code apenas para manter uma coerência visual com os demais produtos da geladeira, que também possuíam esse padrão. Durante o período em que a intervenção ficou exposta, houve uma coincidência: a geladeira acabou quebrando e havia poucos produtos à venda. É difícil dizer se isso teve um impacto positivo ou negativo. Por



um lado, ao não
alguém que
vendendo
talvez tenha sido
especialmente
competitivo é
dentro da
lado, a quebra da
desencorajado
olhar dentro dela,
haveria nada lá
produtos à venda.
que algumas



deixado de ver a Imagem 4. Foto de uma das bandejas, 2023.
disso, aqueles

provavelmente foram impactados pela mensagem que eu estava tentando transmitir. Recebi reações positivas e encorajadoras de colegas de classe, curso, amigos, funcionários e da minha orientadora em relação à minha intervenção. No entanto, também enfrentei reações negativas. Mesmo tendo em mente que a intervenção poderia causar desconforto em pessoas racistas ou despertar reflexões sobre o racismo, é importante estar preparada para reações variadas, incluindo aquelas que desafiam suas

esses tipos de
partiram de
mas sim de uma
entrou em

dizendo ter se
desumanizada
Fiquei

*oii boa tarde, tudo bem? peguei
seu telefone por conta da sua
intervenção na geladeira das 50's.*

*não só eu, mas outras pessoas
pretas estamos incomodadas de
uma maneira não legal com isso,
nós sabemos qual é a crítica,
porém, não acreditamos que a
maneira com que ela foi feita foi
correta...*

14:29

*é muito legal trazer o incômodo
para quem precisa ser
incomodado, acho que vender
peças com fenótipos pretos acaba
desumanizando a gente, não sei,
ficamos bem desconfortáveis com
isso*

14:30

ocupar o espaço de
poderia estar
produtos de verdade,
uma atitude positiva,
considerando o quão
conseguir espaço
geladeira. Por outro
geladeira pode ter
algumas pessoas de
presumindo que não
dentro devido à falta de
No entanto, mesmo
pessoas possam ter

intervenção por causa
que a viram

próprias expectativas.
Surpreendentemente,
comentários não
pessoas brancas,
pessoa negra que
contato, expressando
descontentamento e
sentido
ao ver a intervenção.
paralisada enquanto



lia as mensagens, tentando compreender a origem do desconforto dessa pessoa negra.

É particularmente surpreendente que a reação negativa tenha vindo de uma pessoa negra. Isso ressalta a complexidade das experiências individuais e a diversidade de perspectivas dentro da comunidade negra.

Imagem 5. Captura de tela com mensagens recebidas por aplicativo, 2023.

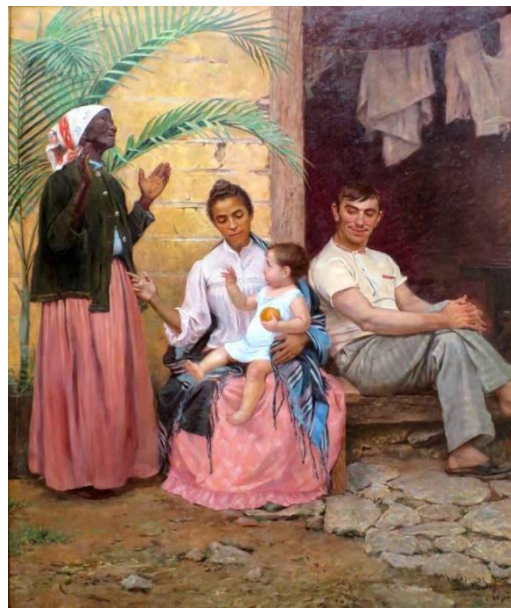
Receber esse tipo de feedback me levou a questionar todo o processo de produção, pesquisa, leituras e estudos que foram realizados para estruturar o projeto. Conforme lia as mensagens, comecei a me sentir desesperada, ponderando: "Será que cometi um erro? E se estiver indo contra o movimento? Será que serei rotulada como capitã do mato? Devo sair da aula e remover a intervenção antes que mais pessoas negras se sintam mal?" Para obter uma perspectiva mais ampla, perguntei para pessoas negras na minha sala na aula se experienciaram desconforto com a intervenção. Elas responderam que não se sentiram assim e, na verdade, apreciaram bastante a iniciativa. Aproveitando a oportunidade, enquanto estava na aula da minha orientadora, esperei até que ela estivesse disponível para discutir minhas preocupações e explicar o que estava acontecendo, perguntando se havia cometido algum equívoco.

Conversamos sobre a obra e tentamos ver o que levou a pessoa ter essa interpretação, e fizemos várias especulações, tendo sempre em mente que apenas nós duas sentadas na sala e questionando o que se passa na cabeça da pessoa não chegaríamos à conclusão exata. Claro que existem inúmeros motivos para que isso tenha ocorrido, talvez tenha sido realmente a negação da presença do corpo negro, seria hipócrita de minha parte não reconhecer que o tema do racismo pode despertar emoções intensas e experiências pessoais diferentes em cada indivíduo, independentemente de sua raça. É possível que essa pessoa tenha sido profundamente impactada pela representação da intervenção, talvez devido a experiências passadas de discriminação ou marginalização. Ou talvez essa pessoa só tenha tido acesso a história contada por brancos e apenas vive na bolha do embranquecimento cultural.



“Através de uma literatura pseudocientífica produzida dentro da ideologia colonial, o negro instruído na escola do colonizador branco toma pouco a pouco conhecimento da inferioridade forjada pelo branco. Sua consciência entra em crise. Graças a uma série de mecanismos de pressão psicológica e outras astúcias, sua alienação deixa de ser teórica. Ele se convence de que o único remédio para curar sua inferioridade, a salvação, estaria na assimilação dos valores culturais do branco pelo negro é chamada de *embranquecimento cultural*.” (MUNANGA, 1986, p.6).

O embranquecimento cultural está presente no cotidiano do negro, principalmente no ambiente acadêmico, onde sua maioria é branca. Ao tentar se encaixar em um ambiente elitizado, o negro, no desejo de embranquecer, nada menos, que a própria extinção. Seu projeto é o de, no futuro, deixar de existir; sua aspiração é a de não ser ou não ter sido (SOUZA, 1983, p.5), é o negro que frequenta o ambiente universitário. Ao examinar obras de arte como "A Redenção de Cam" de



"Um Jantar Brasileiro" de Debret, fica evidente como a representação negra nessas Imagem 7. A redenção de Cam, 1895. Óleo sobre tela, 199 cm x 166 cm. Modesto Brocos.

obras reflete e perpetua estereótipos e preconceitos raciais. Em "A Redenção de Cam", vemos uma figura negra feminina em destaque, com as mãos erguidas em um gesto

sugerindo entre a cor e condição que precisa para ser sociedade. em "Um



de agradecimento, uma associação da pele e uma social inferior ser "clareada" aceita pela sociedade. Por outro lado, Jantar

Imagem 6. Um jantar brasileiro. Aquarela sobre papel, 1827. 16cm x 22 cm. Jean-Baptiste Debret.



Brasileiro", as crianças negras são retratadas recebendo restos de comida da sinhá, uma representação que os inferioriza e os equipara a animais domésticos ou pior.

CONCLUSÃO

A reação negativa que recebi me fez refletir sobre a questão da educação racial na universidade. Em uma sociedade onde a representação negra nos meios de comunicação é escassa e muitas vezes estereotipada, tanto na mídia quanto na arte, é natural questionar se as pessoas que frequentam a universidade estão verdadeiramente conscientes das questões raciais.

Ao questionar a educação racial na universidade, podemos abrir espaço para discussões importantes e transformadoras sobre letramento racial e políticas de ações afirmativas.

REFERÊNCIAS

A Carne - Elza Soares. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/elza-soares/281242/>>. Acesso em: 12/04/2024.

ELZA SOARES. A carne. Maianga: 2002. CD Single (3:39).

FRICKE, Johan. A Cerâmica. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 223-244, 1987.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: Usos e sentidos. São Paulo: Editora Ática, 1986.

SILVEIRA, Oliveira da. Vinte de Novembro: História e conteúdo. Brasília DF p. 21-42. 2003.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Notas



ⁱ Graduanda em Artes Visuais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa, Bauru - SP, 17033-360. E-mail: caroline.e@unesp.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5707520414491474>. Bauru, Brasil.

ⁱⁱ Docente da graduação e da pós-graduação em Artes Visuais, da UNESP. Possui Pós-Doutorado em Arte e Cerâmica, pela ECA-USP (2023). Mestre e Doutora em Artes, pelo Instituto de Artes da UNESP (2017), Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira (2020). Possui Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais pelo IA/UNESP (2015). Bacharel em Marketing (2011) e em Pedagogia (2019) pela USP. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa, Bauru - SP, 17033-360. E-mail: caroline.e@unesp.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5408235474739184>. Bauru, Brasil.